

JORNAL: O Dia LOCAL: Quomabara

DATA: 10 / 06 / 1962 AUTOR: Carlos Maul

TÍTULO: A grave situação das Artes no Brasil

ASSUNTO: Carlos Maul fazendo crítica ao quadro  
de Ivan: Joana D'Arc.

de CARLOS MAUL

## A grave situação das Artes no Brasil

AS ARTES PLÁSTICAS no Brasil obedeciam a uma determinada orientação, que vinha dos tempos da reforma introduzida no seu ensino por Araújo Porto Alegre, quando diretor da Escola Nacional de Belas Artes, e sofreram algumas alterações de acordo com exigências lógicas impostas pelo desenvolvimento da cultura depois do advento do impressionismo. Esse ambiente de estudo sério propiciou a eclosão de mestres que até 1920 honraram o nosso País, aqui e no estrangeiro. Nestes últimos trinta e cinco anos, porém, tudo se modificou de maneira a sermos constrangidos, atualmente a ver divididos em duas correntes antagônicas e irreconciliáveis os artistas, condenados, oficialmente, ao extermínio, aqueles que não se submetem, por motivos óbvios, à ditadura modernista, mais política do que estética.

Entendeu o Ministério da Educação, sob a pressão de apelos tendenciosos e maquiavélicos, que lhe seria lícito, mesmo em detrimento das normas adotadas nos programas da Escola do Estado, aceitar como válido o conflito de tendências — se é que se pode dar esse nome à deformação e à degradação — e colocar a arte verdadeira e o modernismo em pé de igualdade de direitos, resultando daí a criação do Salão Nacional de Arte Moderna ao qual se concedem privilégios confiscados ao Salão tradicional.

Deixemos, entretanto, de lado o fato consumado da divisão operada, para uma análise de seus funestos efeitos. Enquanto aos chamados «acadêmicos», com evidente impropriedade de expressão, se negam os mínimos cuidados e auxílios, limitados estes aos prêmios, ao Salão moderno são abertas facilidades imensas, de cumplicidade com

a crítica jornalística inteiramente empolgada por elementos dessa facção subversiva. Tudo isso se explicaria, se na realidade o modernismo reunisse condições para traduzir algo representativo de uma modalidade artística positiva, e se, ao contrário não fôsse um rótulo de disfarce do ataque frontal à beleza em acelerado ritmo revolucionário com objetivos que nada têm de arte autêntica. E quem alimentar dúvidas nesse sentido, que visite o Salão que acaba de ser inaugurado no antigo edifício do Ministério da Educação, agora crismado de Palácio da Cultura.

Faltam-nos palavras precisas para a descrição do que ali se exhibe, porque a ninguém de mediano bom-senso ocorreria descobrir encanto, sugestão vaga de espírito, em telas lisas, como a que se intitula «A linha, os quadrados», dois quadrados negros separados por um traço vermelho, e na quase totalidade dos trabalhos que no catálogo figuram com o título de «Composição» e são apenas borrões de tinta. Noventa por cento dos quadros expostos é desse gênero, e há ainda a salientar, como manifestação de propósito debochativo, uma peça em que se vê um pedaço de pano colado à tela e lambusado de azul. Classifica-se isso como «colagem»... Em matéria de figurativo salienta-se um a que o autor batizou de «Mulher nua com natureza morta», um mostrengo em que mal se adivinha um corpo feminino de feição teratológica com algumas frutas esboçadas no fundo escuro. Observe-se também os três «Uauá», I, II, III, nada mais nada menos do que brochadas grossas, num pavoroso desperdício de tinta, e cujo autor, um advogado culto, não justificará de modo nenhum a honestidade de seus intuitos, ao confec-

cionar semelhante barbaridade. Na escultura temos peças absurdas, pedaços de ferro, que não explicam o terrível fenômeno da metamorfose de um grande estatuário como Edgard Duvivier, num fabricante de aberrações que raíam pela imbecilidade. O resto, nesse setor obedece à mesma regra. Mas vamos esquecendo um ponto importante da seção de pintura: a «Joana D'Arc», de Ivan Serpa. Procuramos a Joana, e o que tinha-me diante dos olhos era um emaranhado de riscos e rabiscos que se pareciam com os mapas geográficos do século XV.

Um Salão dessa natureza admitir-se-ia, democraticamente, como iniciativa particular, como manifestação de um delírio de juventude irresponsável e ávida de notoriedade e sensacionalismo a qualquer preço. Em hipótese nenhuma, porém, o Governo poderá cobrir com o seu prestígio e o dispêndio de grandes somas, uma tal demonstração de desequilíbrio mental, digna dos desvios cerebrais de habitantes de manicômios. Mas a verdade é que o Salão Nacional de Arte Moderna atesta simplesmente o descaso das autoridades brasileiras, numa época em que tanto se fala em economia nos gastos públicos, pela aplicação do dinheiro do Erário. Porque, de fato, além do aspecto ofensivo ao gosto, a mostra em aprêço, revela que o Estado atrai moeda pela janela. Os prêmios conferidos aos expositores assim se exprimem em cifras: 24 mil dólares, para um pintor e um escultor viajarem ao estrangeiro, o que dá em cruzeiros Cr\$ 4.306.800,00, e mais dois prêmios de viagem pelo País: Cr\$ 800.000,00...

Qualquer comentário, a mais, parece-nos supérfluo.